

Fotos: Ronaldo de Oliveira

Brasília, sexta-feira, 8 de outubro de 1999



Na creche, em São Sebastião, as instalações são precárias e falta de tudo: apesar disso, as crianças adoram a casa, que poderá ser fechada se não passar por uma reforma

DF-Creche
002
Reportagem 0028

ESSAS CRIANÇAS PODEM IR PRA RUA

Marcelo Abreu
Da equipe do Correio

O sonho amarelo pode virar cinza. Ou pó. Depois de três anos, a creche Rei Leão corre o risco de fechar as portas. E qual será o destino das 120 crianças carentes que vivem naquele espaço pintado de portas e paredes amarelas em São Sebastião ninguém ousa responder.

Intimação da fiscalização da Secretaria de Saúde dá prazo de um mês para que aquela casa humilde e abafada, mal ventilada e sem espaço suficiente para comportar tanta criança, seja reconstruída. Tudo ali teria que ser modificado. Dos móveis à estrutura física da casa. Sob pena de ser interditada.

"Eles têm toda razão. Mas como vou fazer essas reformas se não tenho dinheiro?", desespera-se a dona da creche sem alvará, Vilma Cardoso Pereira da Silva, 32 anos, seis filhos. São 120 crianças que, mesmo num local impróprio para ser uma creche, passam o dia inteiro — chegam às 7h e saem às 18h —, tomam café, almoçam e estudam. "Não posso deixar meu sonho acabar", inconforma-se Vilma.

A creche Rei Leão vive da ajuda das mães. Domésticas, diaristas, algumas mães solteiras. E elas dão o que podem. Como podem. Há até mesmo aquelas, desempregadas, que há meses não ajudam com um centavo. Mas nem por isso os filhos foram impedidos de ir àquele lugar de armários velhos e colchões rasgados. "Já mais deixaria alguma criança não entrar porque a mãe não pagou. Há algumas que desde abril não cooperam", diz Vilma.

A única ajuda do governo que a Rei Leão recebe são 40 pães e 30 litros de leite por dia. "Isso quan-



Na hora de dormir, improviso: as crianças são acomodadas em colchões rasgados espalhados pela casa

Cresci vendo isso", conta. Um dia, há quatro anos, Vilma teve a idéia de fazer o mesmo na casa onde morava em São Sebastião.

Desenhou leões nas paredes. Pintou-as de amarelo. E sonhou que ali, naquele lugar sem estrutura, montaria a creche. "Por que Rei Leão? Porque meu signo é Leão. E Leão é forte, tem o sol que protege", explica.

Primeiro chegaram duas crianças. Uma semana depois, havia 20. Nunca mais parou. Houve um período que a casa ficou abarrotada: 150 meninas e meninos. As crianças dormem juntas — às vezes quatro no mesmo colchão. Só há dois banheiros na casa toda. E não existem aparelhos sanitários especiais para crianças. Tudo é improvisado. Quando uma criança adoece, Vilma usa o Fiat Uno 92 — do marido — para socorrê-la.

Com a possibilidade de a creche fechar — caso não seja feita a reforma — os pais estão apavorados. "Trabalho e não teria onde deixar meus dois filhos. Os dois — um de 7 e outro de 5 anos — aprenderam a ler aqui", conta Osvaldina Rosa de Jesus, 29 anos.

Veluma Mascoto da Silva, 6 anos, não sabe muito bem o que está acontecendo. Nem porque a tia Vilma anda "tão triste" nos últimos dias. Mas tem certeza de uma coisa: "Aqui é bom demais. Tem brinquedo, a gente aprende a estudar". E continua, com os olinhos arregalados: "Hoje almocei arroz, feijão, carne, batata e caldinho. Tava bem gostoso".

Na parede amarela da sala há uma cartolina escrita em letras cor-de-rosa. Nela, a mensagem: "Ser criança é ser feliz. É ter os olhos molhados de esperança, é adormecer com a certeza de que o amanhã será melhor". Veluma quer ter essa certeza. Aliás, todas as outras crianças daquela creche improvisada. "Eu vou lutar até o fim pra que meu sonho não acabe", promete Vilma.

SERVIÇO

Qualquer ajuda — material de construção, móveis, material escolar, camas, colchões, alimentos — pode ser feita pelo telefone 337-3793 ou na Quadra 4, Lote 30, Bairro São José, em São Sebastião

do sobra. Nem sempre temos a garantia que vamos receber todos os pães e leite", conta Vilma. Mas, graças a esse mesmo pão e leite — como num milagre da multiplicação —, ela pode oferecer o café da manhã às 120 crianças. Depois, alimentadas, elas vão às salas de aula improvisa-

das. Jardim I, II e III. Há outros — com 7 e 8 anos — que estudam em escolas públicas e vão para a creche pegar aula de reforço. Três professoras, pagas com o pouco dinheiro que Vilma arrecada dos pais, são responsáveis pelas aulas.

"O meu sonho era fazer uma

creche bem bonita, arejada, com parquinho, brinquedos. Mas entre o sonho e a realidade há muita diferença...", entristece-se.

Vilma aprendeu a gostar de criança com a avó, ainda na Bahia. "Ela pegava criança e levava pra casa. Cuidava, dava banho, comida, ensinava a escrever,